

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 18 de abril de 2024 às 07h54*  
*Seleção de Notícias*

## Economia & Negócios - Estadão | BR

Direitos Autorais

<b>O básico das criptomoedas</b> .....	<b>3</b>
--	----------

ECONOMIA E NEGÓCIOS | AUTOR | KEVIN ROOSE

## O Globo | BR

Patentes

<b>Empresa faz acordo para distribuir similar do Ozempic, e ação sobe 37%</b> .....	<b>10</b>
---	-----------

ECONOMIA E NEGÓCIOS

## Exame.com | BR

17 de abril de 2024 | Propriedade Intelectual

<b>União Europeia proíbe registro de marca "Pablo Escobar" no bloco</b> .....	<b>12</b>
---	-----------

DA REDAÇÃO

## G1 - Globo | BR

17 de abril de 2024 | Direitos Autorais

<b>Governo de SP avalia utilizar inteligência artificial para 'aprimorar' conteúdo digital nas escolas estaduais</b> .....	<b>13</b>
--	-----------

SP

17 de abril de 2024 | Pirataria

<b>Brasil perdeu R\$ 453,5 bilhões por conta do mercado ilegal em 2022, diz levantamento</b> .....	<b>15</b>
--	-----------

ECONOMIA E NEGÓCIOS | FILIPE MATOSO

## BOL - Notícias | BR

Direitos Autorais

<b>Dona do chatGPT teria usado secretamente vídeos do YouTube para treinar IA</b> .....	<b>17</b>
---	-----------

ENTRETENIMENTO | AURÉLIO ARAÚJO

## UOL Notícias | BR

Marco regulatório | INPI

<b>GWM supera VW na Justiça e ganha aval para trazer 'Fusca chinês' ao Brasil</b> .....	<b>19</b>
---	-----------

17 de abril de 2024 | Pirataria

<b>Crescimento da pirataria no futebol faz Conmebol agir</b> .....	<b>21</b>
--	-----------

## O básico das criptomoedas

ECONOMIA E NEGÓCIOS



O jornal "The New York Times" buscou respostas para questões populares sobre moedas digitais e blockchain em uma série voltada para quem quer aprender sobre esses assuntos

Começemos pelo início: o que é cripto?

Uma ou duas décadas atrás, a palavra costumava ser usada como abreviação de criptografia. Mas, nos últimos anos, ela tem sido mais associada às criptomoedas. Atualmente, "cripto" quase sempre se refere a todo o universo de tecnologias que envolvem blockchains, os sistemas de livro-razão descentralizados por trás de moedas digitais, como o Bitcoin, que também servem como base tecnológica para coisas como usos da web3, NFTs e protocolos de negociação DeFi.

Foto:

O valor das criptomoedas cresceu enormemente desde os primeiros dias do Bitcoin

Ah, claro, as blockchains. Será que você poderia me lembrar, sem entrar em muitos detalhes técnicos, o que elas são?

De forma bastante resumida, blockchains são bancos de dados compartilhados que armazenam e verificam informações com criptografia de modo seguro.

Você pode imaginar uma blockchain como uma planilha do Google, exceto que, em vez de estarem hos-

pedadas nos servidores do Google, as blockchains são mantidas por uma rede de computadores em todo o mundo. Esses computadores (às vezes chamados de mineradores ou validadores) são responsáveis por armazenar suas próprias cópias do banco de dados, adicionando e verificando novos registros e protegendo o banco de dados dos hackers.

Então, blockchains são... planilhas sofisticadas do Google?

Mais ou menos, porém há pelo menos três diferenças conceituais importantes.

Primeiro, uma blockchain é descentralizada. Ela não precisa de uma empresa como o Google administrando-a. Todo esse trabalho é feito pelos computadores na rede, usando o que é chamado de consenso distribuído - um algoritmo complexo que permite chegar a um acordo sobre o que está em um banco de dados sem a necessidade de um árbitro neutro. Para os defensores das criptomoedas, isso torna as blockchains mais seguras que os sistemas tradicionais de manutenção de registros, já que ninguém ou qualquer empresa pode derrubar a blockchain ou alterar seu conteúdo, e qualquer um tentando hackear ou mudar os registros no livro-razão precisaria invadir muitos computadores simultaneamente.

A segunda principal característica das blockchains é que elas normalmente são públicas e de código aberto, ou seja, ao contrário de uma planilha do Google, qualquer pessoa pode examinar o código de uma blockchain pública ou ver o registro de qualquer transação. (Existem blockchains privadas, mas elas são menos importantes que as públicas.)

Em terceiro lugar, as blockchains costumam ser apenas anexadas e permanentes, quer dizer, ao contrário de uma planilha do Google, os dados adicionados a uma blockchain normalmente não podem ser excluídos ou alterados após serem inseridos.

Continuação: O básico das criptomoedas

Entendi. Então as blockchains são bancos de dados públicos e permanentes sem qualquer dono?

Exatamente.

Agora me ajude a lembrar: como as blockchains estão relacionadas às criptomoedas?

As blockchains não existiam de verdade até 2009, quando um programador com pseudônimo de Satoshi Nakamoto divulgou a documentação técnica do Bitcoin, a primeira criptomoeda.

O Bitcoin usou uma blockchain para monitorar as transações. Isso foi importante porque, pela primeira vez, a tecnologia permitiu que as pessoas enviassem e recebessem dinheiro pela **internet** sem a necessidade de envolver uma autoridade central, como um banco ou um aplicativo, como o PayPal ou o Venmo.

Muitas blockchains ainda processam transações com criptomoedas e hoje existem cerca de dez mil criptomoedas diferentes, de acordo com o site CoinMarketCap. No entanto, muitas blockchains também podem ser usadas para armazenar outros tipos de dados, inclusive NFTs, bits de código autoexecutável conhecidos como contratos inteligentes e aplicativos, sem a necessidade de uma autoridade central.

O pessoal da tecnologia não falava havia alguns anos que as criptomoedas eram uma forma nova e fascinante de dinheiro? Mas não conheço ninguém que pague o aluguel ou as compras no supermercado com Bitcoin. Quer dizer que essas pessoas estavam claramente... equivocadas?

Boa pergunta. É verdade que hoje quase ninguém paga por coisas com criptomoedas. Em parte, isso ocorre porque a maioria dos comerciantes ainda não aceita pagamentos com elas, e as taxas de transação altas podem tornar impraticável gastar quantias pequenas de criptomoedas no dia a dia. Além disso, co-

mo o valor das criptomoedas mais populares, como o Bitcoin e o Ether, atingiu altas históricas, tornou-se um pouco arriscado usá-las para compras no mundo offline. (Os contraexemplos geralmente mencionam situações lamentáveis, como um cara que em 2010 comprou duas pizzas usando Bitcoin, cujo valor na época era de cerca de US\$ 40, mas valeria mais ou menos US\$ 400 milhões hoje.)

Também é verdade que o valor das criptomoedas cresceu enormemente desde os primeiros dias do Bitcoin, apesar de elas não serem a moeda usada nas despesas do cotidiano da maioria de nós.

Parte dessa valorização se deve à especulação, pessoas comprando criptoativos na esperança de vendê-los por valores maiores no futuro; já que os bancos de dados em blockchains, que surgiram desde a criação do Bitcoin, como a Ethereum e a Solana, ampliaram o que pode ser feito com essa tecnologia.

E alguns criptofãs acreditam que os preços das criptomoedas, como o Bitcoin, mais cedo ou mais tarde vão se estabilizar, o que poderia torná-las mais úteis como meio de pagamento.

Para que as criptomoedas são usadas atualmente, além da especulação financeira?

No momento, muitos dos usos bem-sucedidos para a tecnologia por trás das criptomoedas estão na área de finanças ou em setores relacionados. Por exemplo, as pessoas estão usando criptomoedas para enviar remessas de dinheiro a familiares no exterior e os bancos de Wall Street estão usando as blockchains para liquidar transações estrangeiras.

O boom das criptomoedas também levou a uma explosão de experimentos fora do setor financeiro. Existem clubes e associações de criptomoedas, videogames cripto, restaurantes cripto e até mesmo redes de Wi-Fi pagas com criptomoedas.

Esses usos não financeiros ainda são bastante li-

Continuação: O básico das criptomoedas

mitados. Porém os fãs das criptomoedas costumam argumentar que a tecnologia ainda é jovem e que a **internet** levou décadas para se tornar o que é hoje. Os investidores estão injetando bilhões de dólares em startups de criptomoedas porque acreditam que, em algum momento, as blockchains serão usadas para todos os tipos de fins: armazenar históricos médicos, monitorar **direitos** autorais de músicas em plataformas de streaming, ou até mesmo hospedar novas plataformas de mídia social. E o ecossistema dos criptoativos está atraindo desenvolvedores aos montes, o que é um sinal auspicioso para qualquer nova tecnologia.

Já ouvi pessoas chamando as criptomoedas de esquema de pirâmide ou esquema Ponzi. O que elas querem dizer com isso?

Alguns críticos acreditam que os mercados de criptomoedas são basicamente fraudulentos, seja porque os primeiros investidores enriqueceram à custa dos investidores posteriores (um esquema de pirâmide), ou porque os projetos de criptomoedas atraem investidores ingênuos com promessas de retornos seguros e depois quebram quando o dinheiro novo deixa de entrar (um esquema Ponzi).

Existem muitos exemplos de esquemas de pirâmide e Ponzi dentro do mundo das criptomoedas. Entre eles estão a OneCoin, uma operação fraudulenta com criptomoedas que roubou US\$ 4 bilhões de investidores de 2014 a 2019, e o Virgil Sigma Fund, um fundo de hedge de criptomoedas de US\$ 90 milhões administrado por um investidor de 24 anos que se declarou culpado por fraude de valores mobiliários e foi condenado a sete anos e meio de prisão.

Mas os críticos não costumam se referir a esses casos quando falam disso. Eles geralmente argumentam que as criptomoedas por si sós são um esquema de exploração, sem qualquer valor no mundo real.

Eles estão corretos?

Bem, vamos tentar entender o argumento que eles defendem.

Ao contrário de quando você compra ações, digamos, da Apple, uma aquisição que (teoricamente, pelo menos) reflete a crença de que as atividades da Apple são prósperas, comprar uma criptomoeda é mais como apostar no sucesso de uma ideia, segundo essas pessoas. Se elas acreditam no Bitcoin, compram e os preços dele sobem. Se elas pararem de acreditar no Bitcoin, elas vão vendê-lo e os preços dele caem.

Os donos de criptomoedas têm, portanto, um incentivo racional para convencer outras pessoas a comprar criptoativos. E se você não acha que a tecnologia das criptomoedas tem um valor inerente, talvez conclua que a coisa toda se assemelha a um esquema de pirâmide, no qual você ganha dinheiro principalmente recrutando outros para participar dele.

Estou sentindo um "mas" chegando.

Mas... Embora existam golpes e fraudes dentro do mundo das criptomoedas e seus investidores sem dúvidas gostem de tentar recrutar outras pessoas para comprá-las, muitos deles dirão que estão entrando nisso de olhos bem abertos.

Eles acreditam que a tecnologia das criptomoedas tem um valor inerente e que a capacidade de armazenar informações e valor em um blockchain descentralizado será atraente para todos os tipos de pessoas e empresas no futuro. Eles diriam a você que estão apostando no produto criptomoedas, não na ideia das criptomoedas, o que, de certo modo, não é tão diferente de comprar ações da Apple porque você acha que o próximo iPhone será um sucesso.

Matt Huang, um conhecido investidor, falou em nome de muitos fãs das criptomoedas quando publicou no X (antigo Twitter): "As criptomoedas podem parecer um cassino especulativo do lado de fora. Mas is-

Continuação: O básico das criptomoedas

so tira o foco de muitos de uma verdade mais profunda: o cassino é um cavalo de Troia com um novo sistema financeiro escondido dentro dele".

Você pode discordar desse posicionamento, porém os investidores em criptomoedas acreditam claramente que elas valem algo.

As criptomoedas são regulamentadas?

Levemente. Nos Estados Unidos, certas exchanges de criptomoedas centralizadas, como a Coinbase, são obrigadas a se registrar como serviços de transmissão de dinheiro e seguir leis como a do sigilo bancário, que exige pedir certas informações dos clientes. Alguns países aprovaram normas mais rigorosas, e outros, como a China, proibiram totalmente a negociação de criptomoedas.

Em comparação com o sistema financeiro tradicional, as criptomoedas são pouquíssimo regulamentadas. Existem poucas regras regendo criptoativos como as "stablecoins" - cujo valor está atrelado a moedas apoiadas pelo governo -, ou mesmo orientações claras da receita federal americana sobre como certos investimentos em criptomoedas devem ser tributados. E algumas áreas das criptomoedas, como as DeFi (finanças descentralizadas), praticamente não têm nenhuma regulamentação.

Em parte, isso se deve ao fato de tudo isso ser recente, criar novas regras leva tempo. Mas também é uma característica da própria tecnologia blockchain, projetada intencionalmente para dificultar o trabalho dos governos em controlá-la.

Esta pergunta vem da (aparentemente interessada no tema) rapper Cardi B: As criptomoedas vão substituir o dólar?

Desculpe, Cardi. O dólar é a moeda de reserva do mundo e acabar com ele seria uma tarefa gigantesca e cara que provavelmente não virará realidade tão ce-

do. (Para dar apenas uma pequena ideia do tamanho dessa missão: todo contrato financeiro denominado em dólares precisaria ser redenominado em Bitcoin ou Ether ou em alguma outra criptomoeda.)

Também existem obstáculos técnicos que as criptomoedas precisam superar caso queiram substituir a moeda emitida pelo governo americano. Hoje, as tecnologias blockchains mais populares - Bitcoin e Ethereum - são lentas e pouco eficientes quando comparadas com as redes de pagamento tradicionais.

E para uma criptomoeda como o Bitcoin substituir o dólar, você precisaria convencer bilhões de pessoas a usar uma moeda cujo valor oscila descontroladamente, não é apoiada por um governo e frequentemente não pode ser recuperada quando é roubada.

Quais pessoas estão investindo em criptomoedas? São todos "nerds e nazis", como disse um personagem do seriado "Segura a Onda"?

É difícil dizer quem está investindo em criptomoedas, principalmente porque muitas dessas atividades são realizadas de forma anônima ou com pseudônimos. Mas algumas pesquisas e estudos sugerem que entre os donos de criptomoedas ainda predominam homens brancos ricos.

A Gemini, exchange de criptomoedas, calculou em um relatório recente que as mulheres representavam apenas 26% dos investidores em criptomoedas. De acordo com a empresa, em média, o dono de criptomoedas é homem, tem 38 anos e ganha aproximadamente US\$ 111 mil por ano.

Contudo, isso parece estar mudando e os donos de criptomoedas estão se diversificando. Uma pesquisa do Centro de Pesquisa Pew de 2021 descobriu que adultos asiáticos, negros e latinos eram mais propensos a usar criptomoedas do que adultos brancos. A adoção das criptomoedas também está crescendo fora dos EUA, e alguns estudos sugerem que isso es-

Continuação: O básico das criptomoedas

teja acontecendo mais depressa em países como Vietnã, Índia e Paquistão.

Minha colega Tressie McMillan Cottom argumentou que as criptomoedas, por se basearem em registros permanentes e irrefutáveis de propriedade de bens e moedas digitais, são particularmente atraentes para pessoas de grupos marginalizados que podem ter tido patrimônio tirado injustamente delas no passado.

"Se eu moro em uma comunidade onde a polícia recorre claramente à desapropriação para reivindicar minha propriedade privada e não posso fazer nada em relação a isso", escreveu ela, "essa sensação de impotência cotidiana faria a promessa da blockchain parecer muito boa".

No entanto, alguns estudos recentes também descobriram que um grupo pequeno de pessoas é dono da maior parte da fortuna das criptomoedas e, por isso, não é necessariamente um paraíso igualitário.

E quanto aos extremistas? Eles estão envolvidos com as criptomoedas?

Alguns, sim. Como você pode comprar e vender criptomoedas sem usar seu nome verdadeiro ou ter uma conta bancária, no início elas eram uma escolha natural para pessoas com motivos para evitar o sistema financeiro tradicional. O caso de criminosos, sonegadores de impostos e aqueles comprando e vendendo mercadorias ilícitas. Entraram também no grupo dos compradores dissidentes políticos e extremistas, alguns dos quais expulsos dos serviços de pagamento mais convencionais, como PayPal e Patreon.

Como consequência da entrada no mercado de criptomoedas num momento oportuno, alguns extremistas ficaram ricos. Uma investigação recente do Centro de Direito da Pobreza do Sul descobriu que inúmeros supremacistas brancos famosos ganharam centenas de milhares ou milhões de dólares investindo em criptomoedas.

Há milhões de donos de criptomoedas e a grande maioria deles não é de supremacistas brancos. Além disso, as mesmas características de anonimato e resistência à censura que tornam as criptomoedas úteis para os supremacistas brancos também podem torná-las interessantes para, digamos, cidadãos afegãos fugindo do Taleban. Portanto, rotular todo o movimento das criptomoedas como um grupo de extremistas seria um exagero. Independentemente disso, é seguro dizer que as criptomoedas se tornaram interessantes para todos os tipos de pessoas que preferem não negociar (ou não podem negociar legalmente) com um banco tradicional.

Outra crítica que já ouvi é que as criptomoedas são prejudiciais ao meio ambiente. Isso é verdade?

Este é um ponto bem mais complicado e uma das críticas mais frequentes às criptomoedas.

Vamos começar com o que sabemos com certeza. É verdade que a maior parte da atividade com as criptomoedas ocorre em bancos de dados blockchain que demandam quantidades enormes de energia para armazenar e verificar as transações. Essas redes usam o algoritmo de consenso distribuído "proof-of-work" (prova de trabalho), um processo que já foi comparado a um jogo de adivinhação global, jogado por computadores competindo entre si para solucionar enigmas criptográficos com o intuito de adicionar novas informações ao banco de dados e ganhar uma recompensa por isso. Resolver esses enigmas exige computadores poderosos, que por sua vez consomem muita energia.

A blockchain do Bitcoin, por exemplo, usa cerca de 200 terawatts-hora de energia por ano, de acordo com o Digiconomist, site que monitora o uso de energia pelas criptomoedas. Isso é equivalente ao consumo anual de energia da Tailândia.

E as emissões de carbono associadas ao Bitcoin foram estimadas em aproximadamente cem megatoneladas por ano, que é comparável à pegada de

carbono da República Checa.

Caramba! Como os fãs das criptomoedas justificam esse tipo de impacto ambiental?

Os defensores das criptomoedas costumam contestar essas estatísticas. Eles também argumentam que:

- O nosso sistema financeiro atual também utiliza muita energia, com os milhões de agências bancárias e caixas eletrônicos que ficam inativos durante a maior parte do dia, com a mineração do ouro e com outras infraestruturas de alto consumo de energia.

- Muitos computadores usados na mineração das criptomoedas já funcionam com fontes de energia renováveis ou com energia que, de outra forma, seria desperdiçada.

- A maioria das blockchains mais recentes é construída usando consenso distribuído que consome bem menos energia do que o algoritmo "proof-of-work".

Esses argumentos são válidos?

Em parte. É verdade que a maioria das redes em blockchains mais recentes foi projetada de uma forma que diminui consideravelmente o consumo de energia em relação à Bitcoin, e que a mudança programada da Ethereum para um novo tipo de consenso distribuído chamado "proof-of-stake" (prova de participação) reduzirá bastante sua pegada ecológica, se e quando isso acontecer.

Mas também é um pouco conveniente tirar o foco do Bitcoin, que ainda é a criptomoeda mais valiosa do mundo. Não há expectativa de o consumo de energia pela Bitcoin cair significativamente tão cedo. E mesmo que cada minerador de Bitcoin usasse somente energia renovável, ainda haveria um custo ambiental associado à manutenção da blockchain.

Dito tudo isso, é evidente que as criptomoedas como

existem hoje têm um grande impacto ambiental, porém é difícil medir a dimensão dele. Muitas estatísticas citadas com frequência vêm de grupos do setor e é difícil encontrar dados e análises confiáveis de fontes independentes.

No entanto, poucos fãs das criptomoedas contestariam que as blockchains consomem muito mais energia do que um banco de dados tradicional e centralizado, da mesma forma como cem refrigeradores têm um consumo maior do que apenas um. Eles só argumentam que o impacto ambiental das criptomoedas diminuirá com o tempo e que os benefícios da descentralização compensam as desvantagens.

Entendi. E esses benefícios, de novo, são

Alguns defensores das criptomoedas dirão que o maior benefício da descentralização é a capacidade de criar moedas, aplicativos e economias virtuais imunes à censura e ao controle de cima para baixo. "Imagine uma versão do Facebook na qual Mark Zuckerberg não poderia decidir unilateralmente expulsar as pessoas", eles dirão a você.

Outros vão dizer que o maior benefício da descentralização é que ela permite aos artistas e criadores controlar seus destinos econômicos de forma mais direta, proporcionando a eles uma maneira de contornar os gatekeepers de plataformas como YouTube e Spotify, e vender obras digitais exclusivas diretamente aos fãs.

Entretanto, para outros, as criptomoedas são mais úteis para pessoas que não vivem em países com moedas estáveis, ou para grupos dissidentes vivendo sob regimes autoritários.

Há um milhão de outros benefícios hipotéticos da descentralização e das criptomoedas, alguns dos quais são realistas e outros, provavelmente, não.

Como começar a usar de fato as criptomoedas?



Continuação: O básico das criptomoedas

A maneira mais rápida de começar a usar criptomoedas é abrir uma conta numa exchange, como a Coinbase, na qual você pode vincular sua conta bancária e converter seus dólares americanos (ou outra moeda emitida pelo governo) em criptomoedas.

No entanto, muitas pessoas preferem criar suas próprias "carteiras", em locais seguros onde armazenam as chaves criptográficas que desbloqueiam seus ativos digitais. Depois de colocar algumas criptomoedas na sua carteira, o processo é bem simples. Basta digitar o endereço da carteira cripto do destinatário, pagar uma taxa de transação (se for o caso) e aguardar o pagamento.

Ok, estou pronto para mergulhar de cabeça nas próximas explicações. Mas antes tenho uma última pergunta sobre a cultura das criptomoedas: por que ela é tão estranha e fechada?

Esta talvez seja a pergunta que mais me fazem. As pessoas veem seus amigos, colegas de trabalho e parentes entrando na toca do coelho das criptomoedas e saindo de lá dias ou semanas depois com uma nova obsessão, novos amigos na [internet](#), além da aparente incapacidade de falar sobre qualquer outra coisa. (Existe até uma expressão para isso - ficar "criptopilhado"). As pessoas que apostam nas criptomoedas tendem realmente a acreditar nelas a ponto de parecerem mais pregadores de uma nova religião do que fãs de uma nova tecnologia.

Já cobri religião e não acho que a comparação seja totalmente descabida. Essa característica não é necessariamente uma coisa ruim. Muitas pessoas encontram propósito, comunidade e estímulo intelectual na religião. Para alguns, como o jornalista da Bloomberg Joe Weisenthal, as criptomoedas têm

elementos semelhantes aos de uma nova religião: um fundador enigmático (o ainda anônimo Satoshi Nakamoto), textos sagrados (o "White Paper" do Bitcoin), além de ritos e rituais para ser identificado como um apoiador; como tuitar "gm" (bom dia em idioma cripto) para seus "companheiros de fé" ou colocar olhos com raio laser em sua foto de perfil.

É divertido rir das maneiras (muitas vezes constrangedoras) pelas quais os fãs das criptomoedas tentam entreter e motivar uns aos outros. Porém, focar demais o comportamento deles pode significar deixar escapar o que é genuinamente novo, empolgante ou perigoso na tecnologia em si. É por isso que, quando meus amigos me pedem conselhos sobre como abordar o tema com parentes que tomaram a pílula das criptomoedas, eu os aconselho a começar tentando entender o que despertou o entusiasmo deles.

Confira as demais matérias da série do "The New York Times"

Manual de criptoativos para iniciantes

Criptoativos para iniciantes: o que é a web3?

Criptoativos para iniciantes: o que são NFTs?

Criptoativos para iniciantes: o que é DeFi?

# Empresa faz acordo para distribuir similar do Ozempic, e ação sobe 37%

ECONOMIA E NEGÓCIOS

A Biommm acertou que farmacêutica indiana produzirá medicamento quando expirar patente da Novo Nordisk em 2026

ANA FLÁVIA PILAR

A Biommm fechou uma parceria com a farmacêutica indiana Biocon para distribuir no Brasil um similar do medicamento Ozempic, desenvolvido para tratar o diabetes tipo 2, mas que vem sendo muito usado de forma off-label (finalidade diferente da bula) para o emagrecimento. O anúncio fez com que as ações da empresa disparassem ontem. Os papéis fecharam em alta de 37,62%, a R\$15,29.

O medicamento que será comercializado no Brasil tem como princípio ativo a semaglutida, uma forma sintética do hormônio GLP-1, que promove a saciedade.

Atualmente, a única farmacêutica com direito de exclusividade sobre a semaglutida é a dinamarquesa Novo Nordisk, mas o prazo da patente expira em 17 de julho de 2026. Depois disso, outros fabricantes poderão produzir medicamentos similares.

Pelos termos do acordo, a Biocon será responsável por desenvolver, fabricar e fornecer o remédio, enquanto a Biommm, que tem uma fábrica em Nova Lima (MG), ficará encarregada de obter aprovação regulatória e comercializar o produto no mercado brasileiro.

O Brasil é o quinto país do mundo com a maior incidência de diabetes. A doença afeta 16,8 milhões de adultos na faixa etária de 20 a 79 anos, e há uma estimativa de que os casos passem para 21,5 milhões até 2030, de acordo com o Atlas do Diabetes da Federação Internacional de Diabetes (IDF).

- Por isso, priorizamos parcerias estratégicas para expandir o acesso da população a tratamentos avançados para essa doença e melhorar a qualidade de vida das pessoas - disse o CEO da Biommm, Heraldo Marchezini.

Em 2023, as vendas do Ozempic no Brasil somaram R\$ 3,1 bilhões, com taxa de crescimento médio de 39% entre o ano de 2021 e 2023, segundo a IQVIA, empresa de análise de dados na área de saúde.

A importação, comercialização e distribuição do medicamento no Brasil estarão sujeitas, ainda, à obtenção do registro na **Agência** Nacional de Vigilância Sanitária (**Anvisa**) e à publicação do preço pela Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos (CMED).

Diretor de Relações com Investidores da Biommm, Renato Arroyo diz que ainda é cedo para estimar o valor a ser cobrado do consumidor pelo medicamento, mas a chegada de remédios similares ao mercado com o término da patente, certamente, vai ajudar a reduzir o preço. Atualmente, uma caixa de Ozempic custa em torno de R\$ 1 mil.

- Esse mercado pode ser maior, com preços um pouco menores, mas abrangência maior. E um mercado que tem demanda maior do que a oferta neste momento - afirma o executivo.

De acordo com Arroyo, a Biommm buscou se antecipar aos concorrentes, firmando o acordo com a indiana Biocon dois anos antes do final da patente. Assim, a empresa espera chegar em 2026 com o medicamento já aprovado pela **Anvisa**.

## PRODUÇÃO NACIONAL

No contrato, é de responsabilidade da Biocon a pro-

Continuação: Empresa faz acordo para distribuir similar do Ozempic, e ação sobe 37%

dução e desenvolvimento da semaglutida, enquanto a Biomm é encarregada da importação e comercialização do remédio no Brasil - mas a brasileira não descarta produzir o medicamento em território nacional.

- Vamos inaugurar uma fábrica de insulinas na semana que vem. Com pouquíssimos investimentos, essa planta poderia ser usada para produzir a semaglutida. O contrato, neste momento, não rotula isso. Mas, num futuro, pode haver oportunidade de a gente produzir.

A unidade será inaugurada em Nova Lima (MG) cinco anos após sua construção, com investimentos superiores a R\$ 800 milhões. A capacidade produtiva é de 20 milhões de carpules (uma espécie de seringa) e de frascos tanto de insulina humana quanto de glargina, uma insulina mais nobre. Até então, a Biomm não fabrica medicamentos; apenas os distribui.

Diretor de operações da Gouvêa Ecosystem, o consultor de negócios Eduardo Yamashita ressalta que uma eventual produção nacional da semaglutida ampliará o acesso ao medicamento, já que a tendência é a redução de preço e aumento da disponibilidade do produto.

-

37 , 62 %

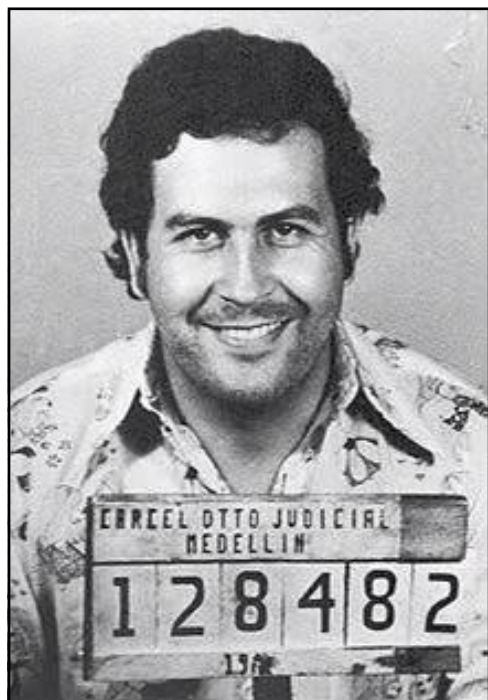
de alta nas ações da Biomm

Os papéis da empresa dispararam após o anúncio da parceria com a Biocon

39 %

crescimento médio das vendas de Ozempic no Brasil

## União Europeia proíbe registro de marca "Pablo Escobar" no bloco



A União Europeia proibiu que se registrassem produtos ou serviços no bloco com o nome do traficante colombiano Pablo Escobar.

Na quarta-feira, o Tribunal Geral da UE em Luxemburgo determinou que o nome está associado ao "tráfico de drogas, narcoterrorismo e aos crimes e sofrimentos resultantes deles", e não deve receber proteção sob as leis de **propriedade** intelectual.

O tribunal confirmou a decisão do Escritório de Propriedade Intelectual da UE, que recusou um pedido de registro de marca da Escobar Inc em 2022.

A Escobar Inc foi fundada em Porto Rico pelo irmão de Pablo Escobar, Roberto de Jesus Escobar Gaviria, que passou 12 anos na prisão por seu papel na organização criminosa de seu irmão.

Medellín, Colômbia, em 2 de dezembro de 1993. Pablo Escobar, um dos criminosos mais famosos do mundo, foi morto em um tiroteio no telhado com a polícia e soldados em 2 de dezembro de 1993.

Ele liderou uma das organizações criminosas mais poderosas do mundo, o Cartel de Medellín, e fez fortuna com o contrabando de cocaína para os Estados Unidos, sendo considerado responsável pela morte de milhares de pessoas.

Os juízes determinaram que a marca registrada seria "percebida como contrária aos valores fundamentais e aos padrões morais". O tribunal disse que Pablo Escobar não estava associado, em grande parte, à nenhuma boa ação que ele supostamente teria realizado em nome dos pobres na Colômbia.

Escobar nunca foi condenado pela Justiça, mas o tribunal disse que seu "direito fundamental à presunção de inocência não foi violado porque, embora ele nunca tenha sido condenado criminalmente, ele é percebido publicamente (...) como um símbolo do crime organizado responsável por vários crimes".

# Governo de SP avalia utilizar inteligência artificial para 'aprimorar' conteúdo digital nas escolas estaduais

SP



Segundo a Secretaria Estadual da Educação (SEE), material didático já está pronto e uma plataforma de IA seria usada apenas para atualizar as aulas. Especialista afirma que tecnologia não substitui professor.

O Governo de São Paulo planeja implementar um projeto piloto para utilizar uma plataforma de Inteligência Artificial, como o Chat GPT, nas atualizações do material digital usado por professores dos últimos anos do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e do ensino médio.

Segundo a Secretaria Estadual de Educação, aulas foram elaboradas em 2023 pelos chamados professores curriculistas - responsáveis por fazer o conteúdo - e já estão em uso.

O que o projeto prevê é a "atualização e aprimoramento" desse material "com a inserção de novas propostas de atividades, exemplos de aplicação prática do conhecimento e informações adicionais que enriqueçam as explicações de conceitos-chave de cada aula".

Ainda de acordo com a pasta, o conteúdo produzido por IA será revisado pelos educadores em duas etapas.

Depois desse processo, o material passará por outras duas revisões: de **direitos** autorais e intervenções de design.

A secretaria disse ainda que o uso da tecnologia ainda vai passar por etapas de avaliação para avaliar a sua implementação.

Governo de SP retoma Operação Escudo após soldado desaparecer, diz porta-voz da PM

O professor e pesquisador de educação e tecnologia Bernardo Soares, ouvido pelo SP1, afirmou que a tecnologia pode auxiliar os professores, mas não deve substituir.

"Esse processo de produzir conteúdo de maneira subjetiva, compreendendo as dificuldades dos estudantes, compreendendo a importância de um tópico ou outro, o chat GPT não faz, não substitui. O ChatGPT tem uma análise objetiva do conteúdo e não subjetiva, então o professor precisa ser o centro desse processo, ainda que ele seja o mediador do conteúdo e não mais o detentor", afirma.

No segundo semestre do ano passado, o secretário da Educação Renato Feder chegou a planejar que as escolas estaduais de SP não recebessem mais livros didáticos físicos e tivessem apenas o material digital como ferramenta.

Contudo, após críticas e erros encontrados no conteúdo, a decisão foi revogada.

O que diz o Tarcísio Em um evento sobre a expansão de leitos de hospitais no Estado, o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) afirmou que a ferramenta será um "facilitador" e quem vai ministrar esse conteúdo é o professor.

Continuação: Governo de SP avalia utilizar inteligência artificial para 'aprimorar' conteúdo digital nas escolas estaduais

"A gente não pode deixar de usar a tecnologia por preconceito por qualquer razão, obviamente tem que usar com parcimônia, tem que usar com todas as reservas que são necessárias", disse. "Nada vai substituir o papel do professor, até porque a responsabilidade do que tá dentro de sala de aula é do professor. [Ele] que sabe como ele vai ministrar, que

sabe como ele vai passar o conteúdo".

O que diz a Secretaria Estadual de Educação (SEE)

\*Sob supervisão de Lívia Machado

# Brasil perdeu R\$ 453,5 bilhões por conta do mercado ilegal em 2022, diz levantamento

ECONOMIA E NEGÓCIOS



Montante reúne, por exemplo, prejuízos com **pirataria**, contrabando e ligações clandestinas de água e luz. Estudo da CNI será apresentado ao ministro Ricardo Lewandowski.

Levantamento de entidades do setor da indústria mostra que o Brasil registrou em 2022 um prejuízo total de R\$ 453,5 bilhões com o mercado ilegal.

O estudo, chamado "Brasil Ilegal em Números", foi produzido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelas federações estaduais das indústrias de São Paulo (Fiesp) e do Rio de Janeiro (Firjan).

O levantamento será apresentado nesta quinta-feira (18) em Brasília ao ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, durante seminário na CNI.

O montante de R\$ 453,5 bilhões, conforme o estudo, abrange os prejuízos com:

Para o diretor da Fiesp e da Firjan Carlos Erane de Aguiar, os números do levantamento mostram um "desastre nacional", que atinge diretamente cidadãos e os governos.

"A cifra de R\$ 453,5 bilhões é um desastre nacional, que atinge todo cidadão, governos municipais, estaduais e União. São recursos que equivalem a todo o Produto Interno Bruto (PIB) do estado de Santa Catarina, por exemplo. A CNI, Fiesp e Firjan querem

chamar a atenção para essa calamidade", afirmou em comunicado divulgado pela CNI.

"Queremos contribuir para que os governos adotem medidas mais rígidas para combater essa ilegalidade, investindo ainda mais em segurança pública em todo o país", acrescentou.

Segundo o levantamento, dados do Índice Global de Crime Organizado mostram o Brasil na posição de número 171 em um ranking que avalia o mercado de produtos falsificados em 193 países. Isto quer dizer, ainda conforme o estudo, que a situação do Brasil é "especialmente alarmante".

Impactos diretos De acordo com o levantamento das entidades do setor da indústria, os principais impactos do mercado ilegal incluem:

"É notório que o mercado ilegal é um problema que afeta não apenas a indústria, mas toda a sociedade, responsável por um ciclo gerador de perdas, danos e violência criminal", afirma o estudo.

"Em suas mais variadas vertentes, o impacto é percebido na economia com perdas equivalentes às riquezas produzidas por estados inteiros, e na sociedade, em especial nas camadas mais carentes, na redução da oferta de postos de trabalho e na piora da qualidade de bens consumidos", acrescenta o levantamento.

Produtos ilegais de outros países O levantamento do setor da indústria também leva em conta a entrada no Brasil de produtos ilegais com origem em outros paí-

Continuação: Brasil perdeu R\$ 453,5 bilhões por conta do mercado ilegal em 2022, diz levantamento

ses.

De acordo com o estudo, em 2023, a Receita Federal fez 17,6 mil operações de combate a crimes como contrabando e importação irregular de mercadorias, o que resultou na apreensão de R\$3,78 bilhões em mercadorias.

"Os principais setores com apreensões estão divididos entre: cigarros e similares, eletroeletrônicos,

veículos, vestuário, informática, bebidas, brinquedos, inseticidas, fungicidas, herbicidas, desinfetantes, calçados e perfumes", informa o estudo.



# Dona do chatGPT teria usado secretamente vídeos do YouTube para treinar IA

ENTRETENIMENTO



O GPT-4, modelo de linguagem de inteligência artificial que está por trás do ChatGPT, foi treinado com mais de um milhão de horas de vídeos do YouTube, coletando dados sem autorização e provavelmente infringindo leis de **direitos** autorais, segundo reportagem do jornal The New York Times, publicada na última semana.

A OpenAI, empresa responsável pelo GPT-4, teria feito isso a partir de 2021, após usar praticamente todos os textos de fontes confiáveis em inglês para treinar seus algoritmos com inteligência artificial.

## Publicidade

Como a IA é treinadaO GPT-4 é um dos chamados "modelos de linguagem grande" (LLM, na sigla em inglês), ou seja, uma inteligência artificial projetada para entender e gerar texto em uma escala significativamente grande.

Para que o sistema gerar informações por conta própria, é preciso que ele passe por um "treinamento", o que envolve reunir um grande volume de textos de base para alimentá-lo. Tratam-se de livros de textos, artigos, sites da **internet**, documentos, entre outros. Quanto mais diversificados e representativos forem os dados, melhor será o desempenho do modelo.

De acordo com a reportagem, uma vez que não havia mais bons textos disponíveis em inglês na **internet**

naquele momento e ainda faltava muito treinamento para que esse LLM fosse aperfeiçoado, a OpenAI deu um passo adiante: passou a treinar o GPT-4 com transcrições de vídeos da **internet**.

O próprio presidente da empresa, Greg Brockman, esteve envolvido na coleta de vídeos, segundo o jornal.

A OpenAI afirmou que cada um de seus modelos de inteligência artificial "tem um conjunto de dados único que selecionamos para ajudar na compreensão do mundo e permanecer globalmente competitivos em pesquisa".

Batalhas jurídicasO problema é que esses vídeos não poderiam ser usados para tal objetivo. As regras do YouTube, de propriedade do Google, dizem que é proibido o uso em serviços independentes da plataforma. Mais do que isso: essa coleta de dados pode representar um desrespeito às leis de **direitos** autorais dos Estados Unidos. Quem vai decidir é a Justiça estadunidense.

Já existem processos judiciais em andamento contra o uso sem autorização de textos disponíveis na **internet** para treinamento de LLMs. Em 2023, o próprio New York Times acionou na Justiça a OpenAI e a Microsoft pela utilização de suas matérias jornalísticas para treinar as IAs das respectivas empresas. O uso de vídeos sem autorização é apenas uma nova camada nesse imbróglio.

Nos EUA, o Escritório de **Direitos** Autorais, órgão governamental que cuida do assunto, já recebeu mais de 10 mil reclamações e registros de sindicatos, escritores e empresas que alegam terem tido suas produções usadas sem autorização por modelos de IA.

Fundada em 1870, essa agência federal ainda está

Continuação: Dona do chatGPT teria usado secretamente vídeos do YouTube para treinar IA

preparando um material para definir como devem funcionar os **direitos** autorais no país na era da inteligência artificial. Até lá, porém, as empresas da área se aproveitam do que parece ser uma zona cinzenta da legislação.

Não é só a OpenAIA velocidade com a qual os modelos LLMs estão crescendo desafiam a quantidade de material disponível na **internet**. Segundo o New York Times, os dados de qualidade disponíveis para treinar essas IAs podem ser completamente exauridos até 2026.

"O único jeito prático para que essas ferramentas existam é se elas puderem ser treinadas em quantidades massivas de dados, sem precisar licenciá-los", afirmou Sy Damle, advogado especializado em modelos de IA, numa discussão pública sobre leis de **direitos** autorais no ano passado. "A quantidade de dados necessários é tão massiva

que até mesmo um licenciamento coletivo não funcionaria."

Por isso, não é só a OpenAI que está recorrendo a esse uso controverso de dados sem autorização: o próprio Google usou transcrições de vídeos do YouTube para treinar seus próprios modelos de IA.

De acordo com fontes ouvidas pelo jornal, essa é uma das razões pela qual o Google não se posicionou publicamente sobre o tema.

Por outro lado, Matt Bryant, porta-voz da empresa, negou ao New York Times que o Google tinha conhecimento das práticas da OpenAI e reafirmou que são proibidos a "coleta ou downloads não autorizados de conteúdo do YouTube".

# GWM supera VW na Justiça e ganha aval para trazer 'Fusca chinês' ao Brasil

Veja também Assine UOL Ora Ballet Cat foi inspirado no Volkswagen Fusca dos anos 1960 Imagem: Divulgação Desde que o novo Fusca saiu de linha mundialmente, em 2019, rumores de que um dos carros mais icônicos do mundo voltaria em uma versão elétrica circulam na internet. A Volkswagen nunca endossou os boatos, até que a GWM, em 2021, decidiu realizar o sonho de muitos entusiastas: apresentou uma 'réplica' chinesa a baterias, o Ora Punk Cat, que no ano seguinte chegou ao mercado como Ora Ballet Cat - uma versão mais feminina do conceito.

Meses depois de apresentar a novidade no Salão de Xangai, na China, a GWM registrou o veículo no Brasil junto ao **INPI** (Instituto Nacional da Propriedade Industrial). No entanto, a Volkswagen não gostou nada da ideia de um 'Fusca chinês' à venda no mercado brasileiro e entrou com uma liminar em caráter de urgência para anular o registro - o pedido foi acatado, mas só teve validade até março deste ano, quando a marca chinesa conseguiu a revogação. As informações são de O Globo.

Até o para-lama cromado do Fusca foi homenageado Imagem: Divulgação

No processo, o argumento da Volkswagen - que entrou com novo recurso, mas ainda não foi julgado - é de que o Ora Ballet Cat se trata de "uma cópia escancarada do icônico Fusca, como se não houvesse leis em nosso País que salvaguardassem os esforços alheios e vedassem a concorrência desleal e parasitária e a associação indevida".

Já a defesa da GWM não negou a inspiração. "Por óbvio que desde então os demais players trabalham em novos e aprimorados designs de automóveis, inclusive, considerando aquilo deixado de legado para o estado da técnica - e a fim de ser aproveitado e melhorado pela sociedade - pelas Autoras (VW do Bra-

sil)", argumentou nos autos. Procurada pela coluna, a Volkswagen não se manifestou publicamente sobre o assunto.

A GWM disse que não tem planos de comercializar o Ora Punk Cat ou Ballet Cat no Brasil, mas que, "até por um posicionamento global, a empresa precisa manter sempre disponível a possibilidade de comercializar qualquer produto da sua linha em qualquer mercado do mundo".

Para entender melhor o cenário, a coluna entrevistou Fernando Canutto, sócio do Godke Advogados e especialista em Planejamento Estratégico Empresarial, Direito Societário e Propriedade Intelectual. É importante esclarecer que o registro no **INPI** não significa que o carro será vendido no Brasil - esse é apenas o primeiro passo, as montadoras podem decidir seguir com a estratégia ou não.

O conceito, Ora Punk Cat, era ainda mais semelhante ao compacto da Volks Imagem: ORA Punk Cat "O Fusca é uma espécie de marco na indústria automotiva como carro popular. Mas, ao contrário do que argumenta da GWM nos autos, não deixou o mercado brasileiro em 1996, pois era comercializado, em sua geração mais recente, até 2017. É um período de tempo muito curto", avalia Canutto.

"Além disso, existe um conceito no direito de empresarial que determina que uma empresa não pode se aproveitar do prestígio de outra marca para vender seu produto. Por isso, acredito que a marca alemã tem chances de sair vencedora do processo", finaliza o especialista.

Como é o Ballet Cat? O interior foi planejado para agradar as mulheres Imagem: Divulgação/GWM Consi derado como o "Fusca elétrico" desde que foi lançado, o Ballet Cat tem, de fato, um design muito semelhante ao do clássico. O mo-

Continuação: GWM supera VW na Justiça e ganha aval para trazer 'Fusca chinês' ao Brasil

delo, no entanto, é maior. Tem 4,4 metros de comprimento (enquanto o Fusca original tinha pouco mais de 4 metros), 1,88 m de largura, 1,63 m de altura e 2,75 m de entre-eixos.

Com o espaço extra, a montadora chinesa encaixou portas traseiras e garantiu mais espaço para os ocupantes do banco de trás. Visualmente, não há como dizer que, ao olhar o Ballet Cat, não pense imediatamente no Fusquinha.

Para o powertrain há três opções: um motor elétrico de 174 cv de potência; um motor de 300 cv ou, na versão topo de linha, dois motores elétricos, somando 544 cv de potência. A autonomia varia de 400 km a 500 km, de acordo com o Ciclo Chinês.

Newsletter

CARROS DO FUTURO

Quero receberO modelo tem diversos detalhes para chamar atenção do público feminino, como interior em cores pastéis suaves, espelhos maiores, porta-maquiagem e até funções consideradas polêmicas, como o modo de condução chamado "Lady Driving" - nesse caso, o piloto automático aumenta e controla a distância para o carro da frente.

Outra função com nome infeliz - para dizer o mínimo - é o "Warm Man Mode", ao pé da letra, "Modo homem quente". Ele liga o sistema de aquecimento do carro para reduzir o desconforto das mulheres no período menstrual, aquecendo a região lombar.

Quer ler mais sobre o mundo automotivo e conversar com a gente a respeito? Participe do nosso grupo no Facebook! Um lugar para discussão, informação e troca de experiências entre os amantes de carros. Você também pode acompanhar a nossa cobertura no Instagram de UOL Carros.

## Crescimento da pirataria no futebol faz Conmebol agir



A **pirataria** no futebol não é um problema exclusivo da América do Sul, mas sim global. Com o avanço tecnológico, a facilidade de acesso à internet e o surgimento de plataformas de streaming ilegais, os direitos de transmissão passaram a ser cada vez mais violados, resultando em perdas financeiras significativas para os detentores legais desses direitos e também para as entidades esportivas.

"Se você for no Google e buscar resultados para 'como comprar cocaína' ou 'como montar uma bomba', dificilmente encontrará algo. Mas se você colocar 'como assistir futebol de graça', serão vários os resultados. **Pirataria** é roubar e, portanto, deveria ser tratado de maneira equivalente, mas infelizmente não é que ocorre", essa declaração impactante foi feita por Javier Tebas, presidente da LaLiga, durante o Summit de Propriedade Intelectual, da LAAPIP, realizado no começo de abril, em Miami, nos Estados Unidos.

O evento contou com a presença de importantes instituições do futebol, como FIFA, CONCACAF e LaLiga, que demonstraram preocupação não só com as formas de combate, mas também com os prejuízos gerados pela **pirataria**.

A LaLiga, organizadora do Campeonato Espanhol, estima perdas de 200 milhões de euros anuais. Em recente entrevista, Seth Bacon, vice-presidente de mídia da MLS, destacou que a indústria esportiva movimentou US\$ 55 bilhões em 2023 e perdeu US\$ 28 bilhões, ou sejam o faturamento poderia ter sido 50% maior.

Na Itália, o problema se tornou tão grave, que a Série A, organizadora do campeonato nacional, lançou oficialmente sua própria campanha **antipirataria**, pois entende que o atual modelo de direitos de transmissão pode colapsar e resultar em bilhões de dólares perdidos em receitas, bem como milhares de empregos. A LaLiga, por sua vez, chegou ao ponto de criar uma agência específica para combater a **pirataria**.

O Brasil, por conta da dimensão e população continentais, além da quantidade de times participando das principais competições de clubes da Conmebol, é considerado o principal desafio na América do Sul. O país perdeu 16.5 milhões de postos de trabalho somente em 2023, de acordo com pesquisa da ALIANZA, que também levantou que 23% dos mais de 81,6 milhões de usuários residenciais acessam por meios ilegais as TVs por assinatura na América Latina e Caribe.

Diante desse cenário, que parece cada vez mais problemático com os passares dos anos, a Conmebol passou a tratar o tema com maior seriedade, discutindo e estudando o tema de maneira detalhado, além de participar de fóruns que reforçam o comprometimento com o assunto. Além disso, a Confederação Sul-Americana tem elaborado planos para reduzir os efeitos desta ilegalidade em suas competições.

Buscando selecionar e implementar as melhores ferramentas de monitoramento e controle da **pirataria**, a Conmebol passou a contar com a assistência da FC

Continuação: Crescimento da pirataria no futebol faz Conmebol agir

Diez Media, responsável por gerenciar as redes sociais, venda de direitos de transmissão, patrocínio e licenciamento para a Libertadores masculina e feminina, Copa Sul-Americana e a Recopa, desde 2019.

Em entrevista exclusiva ao Lei em Campo, representantes da Conmebol e da FC Diez Media contaram um pouco dos principais desafios no combate à **pirataria** no futebol sul-americano.

Lei em Campo - Quais são os ativos que a Conmebol comercializa e a importância que isso representa para o futebol sul-americano?

Monserrat Jimenez, Secretária Geral Adjunta e Diretora Jurídica da Conmebol - "A Conmebol é a titular dos direitos de propriedade intelectual sobre as marcas Libertadores, Sul-Americana, Recopa, Libertadores feminina, Copa América, dentre outras, todas devidamente registradas não só nos 10 países sul-americanos que conformam a jurisdição da Confederação, mas também em cinco outros países, incluindo os Estados Unidos e a Comunidade Europeia. A titularidade e exclusividade sobre o uso das referidas marcas permite a sua exploração comercial através, por exemplo, dos contratos de patrocínio e licenciamento. Além das marcas e demais ativos relacionados (logos, mascotes, insígnias e etc.), a CONMEBOL também é titular dos direitos que derivam da gravação dos respectivos campeonatos que organiza. Esses direitos são licenciados às transmissoras que contratam com a Confederação, fazendo-se cumprir com os compromissos estatutários de distribuição das competições organizadas pela CONMEBOL. Na temporada 2023, as competições de clubes da CONMEBOL foram licenciadas e vistas em 194 países. É um marco histórico, que confirma o alto interesse não só regional, senão global, no futebol sul-americano. As licenças, seja de transmissão ou de patrocínio, perfazem uma fonte de arrecadação de suma importância, que se reverte quase que integralmente ao futebol do nosso continente, por meio de investimentos nos estádios, treinamento e ca-

pacitação e, claro, dos prêmios, que na temporada passada totalizaram USD 290 milhões entre Libertadores masculina e feminina, e Recopa.

Lei em Campo - Como proteger esses ativos contra a **pirataria**? Há um departamento na Conmebol destacado para a tarefa?

Monserrat Jimenez - "A exclusividade que brindamos aos nossos licenciados requer um exercício contínuo de proteção. Esse controle é feito pela área de **Propriedade** Intelectual da Conmebol, com a assistência da FC Diez Media, e juntamente a fornecedores especializados com enfoque em sinais piratas de transmissão, venda de produtos contrafeitos e campanhas associativas não autorizadas, comumente conhecidas como '**ambush** marketing'."

Lei em Campo - Quais os pilares e planos de ação que vocês estabeleceram e por quê?

Monserrat Jimenez - "Em aderência às melhores práticas do mercado, a CONMEBOL estabeleceu como plano de ação o monitoramento constante das principais redes sociais, plataformas de e-commerce e marketplace, além de contar com a parceria de seus licenciados, incluídas as transmissoras e patrocinadores, na detecção de potenciais infrações nos seus respectivos territórios e segmentos. Assim, a CONMEBOL consegue atuar de maneira mais estratégica, investigando e atacando as violações que têm um real potencial de comprometer o valor e a exclusividade dos seus ativos de **propriedade** intelectual. Para ilustrar a criticidade do problema e o alcance das medidas adotadas, na temporada 2023, foram detectadas 63.867 transmissões ilegais em mídia social relativas a jogos organizados pela CONMEBOL. Desse total de infrações, muitas das quais se davam através do Youtube, conseguimos remover cerca de 99,4%. Quando ampliamos o universo das infrações a outras plataformas digitais, chegamos a uma taxa de efetividade de 83%. Importante notar que, dos sites dedicados à transmissão pirata, muitos são provenientes de países distantes e pouco aces-

Continuação: Crescimento da pirataria no futebol faz Conmebol agir

síveis juridicamente, como Ucrânia, Estônia e Bangladesh. Adicionalmente, a CONMEBOL tem como objetivo conscientizar o mercado sobre as suas políticas de proteção à **propriedade** intelectual, por meio de publicações e participação em eventos como o encontro da Associação de **Antipirataria** e **Propriedade** Intelectual na América Latina (LAA-PIP, em inglês), que ocorrerá no próximo dia 03 de abril, em Miami."

Newsletter

## OLHAR APURADO

Quero receber Lei em Campo - Além da América do Sul, quais outros territórios/países são prioridade para a Conmebol, na distribuição das suas competições e, conseqüentemente, no combate à **pirataria**?

Pedro Visconti, Brazil Country Manager da FC Diez Media - "Além da América do Sul, que é o palco das competições organizadas pela Confederação, os principais territórios que consomem os conteúdos da Conmebol são o México e os Estados Unidos, ambos na América do Norte, e Europa, com destaque para Portugal, Espanha e Itália. Nesse sentido, a Conmebol se assegura, com seus fornecedores especializados, de que o monitoramento de potenciais infrações, especialmente no que diz respeito aos sinais piratas, inclua essas regiões. Com isso, a Conmebol cruza os dados que são gerados nas suas investigações, com as informações que são compartilhadas por seus licenciados locais, sendo mais efetiva na derrubada (ou 'takedown', em inglês) das violações.

Lei em Campo - Por ser um mercado muito importante e apresentar números elevados nas estatísticas de **pirataria**, consideram o Brasil o principal desafio de vocês?

Pedro Visconti - "O Brasil é um território muito relevante para a Conmebol, com o recorde de audiência das competições organizadas pela Confederação, e

constitui um mercado altamente complexo que serve de base regional para grande parte de nossos licenciados. No entanto, essa complexidade também se reflete na **pirataria**. Segundo dados publicados pela Global Data, a **pirataria** de conteúdos esportivos, como eventos ao vivo, cresce mundialmente a uma média de 8% ao ano, gerando um prejuízo de aproximadamente USD 28 bilhões. No Brasil, calcula-se que mais de 50% da audiência assiste conteúdo pirata, sendo que as visitas de origem brasileira a plataformas de streaming ilegal chegam a 4.5 bilhões por ano. Nesse cenário, a Conmebol está focada em reforçar os seus planos de ação no combate à **pirataria** no país."

Lei em Campo - Um dos focos da Conmebol são os jovens, sendo que são os que mais consomem conteúdo ilegal. Como "educar" este público?

Pedro Visconti - "Os jovens de hoje são os torcedores do futuro, e por isso é crucial engajá-los para garantir o crescimento e a evolução do futebol sul-americano. É fato que os jovens são mais susceptíveis à **pirataria**, e segundo os estudos mais recentes sobre a matéria, isso se dá pela facilidade do acesso ao conteúdo pirata, que se contrasta ao custo de acesso ao conteúdo original. A fim de direcionar o foco nos canais digitais para engajar o público jovem e mitigar o impacto da **pirataria** para o ciclo 2023-2026, a Conmebol alcançou a maior distribuição dos seus campeonatos, trazendo de volta à TV aberta a Conmebol Libertadores, na Argentina e no Chile, e a Conmebol Sul-Americana, no Brasil. Além disso, a Conmebol passou a investir mais pesado nos seus canais em mídia social, trazendo conteúdos exclusivos e direcionados aos jovens, e segue trabalhando junto com seus clientes também de plataformas pagas - claramente as mais sujeitas a **pirataria** - de forma a mitigar ao máximo possível os impactos da **pirataria** nos conteúdos premium que a Confederação organiza e distribui. A Conmebol está convicta de que educar os jovens sobre **pirataria** passa não só por ações de combate, mas também, e essencialmente, por ampliar e diversificar o acesso aos seus con-

Continuação: Crescimento da pirataria no futebol faz Conmebol agir

teúdos."

Nos siga nas redes sociais: @leiemcampo

Seja especialista estudando com renomados profissionais, experientes e atuantes na indústria do esporte, e que representam diversos players que

compõem o setor: Pós-graduação Lei em Campo/Verbo em Direito Desportivo - Inscreva-se!



## Índice remissivo de assuntos

**Direitos Autorais**  
3, 13, 17

**Patentes**  
10

**Marco regulatório | Anvisa**  
10

**Propriedade Intelectual**  
12, 21

**Pirataria**  
15, 21

**Marco regulatório | INPI**  
19

**Marcas**  
21